



## FORMAÇÃO DE PROFESSORES: DESAFIOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

### TEACHER EDUCATION: CHALLENGES FOR THE IMPLEMENTATION OF QUILOMBOLA SCHOOL EDUCATION



**Mariateresa Muraca**



Universidade Federal do Pará – UFPA

**Rosilene Cardoso e Cardoso**



Universidade Federal do Pará – UFPA

**Resumo:** Este artigo surge de uma Pesquisa-Ação Participativa em andamento conduzida pelo grupo de pesquisa Hodós/UFPA/CNPq, que objetiva fortalecer a formação inicial e continuada de professores/as na perspectiva da Educação Escolar Quilombola, por meio da colaboração entre universidade, comunidades quilombolas e movimentos sociais. Em particular, foca os resultados do exame da literatura científica, que constitui uma das dimensões metodológicas em que se articula a investigação, evidenciando os principais desafios que emergem na interface entre formação docente e implementação da Educação Escolar Quilombola. O referencial teórico se fundamenta na Educação Popular, no Pensamento Negro e no Giro Decolonial Latino-Americano. O texto se organiza em quatro seções: após a introdução e a apresentação da metodologia, discutem-se, à luz da literatura existente, as criticidades e as potencialidades da formação de professores em relação à Educação Escolar Quilombola. Na última seção, delineiam-se algumas propostas com o intuito de contribuir para a efetivação dessa fundamental política pública.

**Palavras-chave:** Educação Escolar Quilombola; formação de professores; Pesquisa-Ação Participativa; Educação Popular; Giro Decolonial.

**Abstract:** This paper emerges from an ongoing Participatory Action Research project conducted by the research group Hodós/UFPA/CNPq, which aims to strengthen initial and continuing teacher education from the perspective of Quilombola School Education, through collaboration among the university, quilombola communities and social movements. In particular, it focuses on the results of a review of scientific literature, which constitutes one of the methodological dimensions of the research, highlighting the main challenges that arise at the interface between teacher education and the implementation of Quilombola School Education. The theoretical framework is grounded in Popular Education, Black Thought, and the Latin American Decolonial Turn. The article is organized into four sections: following the introduction and the presentation of the methodology, the challenges and potentialities of teacher education in relation to Quilombola School Education are discussed in light of the existing literature. In the final section, some proposals are outlined with the aim of contributing to the implementation of this fundamental public policy.

**Keywords:** Quilombola School Education; teacher education; Participatory Action Research; Popular Education; Decolonial Turn.





## 1 INTRODUÇÃO

A Educação Escolar Quilombola é uma modalidade da Educação Básica instituída por meio da Resolução CNE/CEB nº 8 de 2012. As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Quilombola orientam a oferta da educação nas escolas localizadas dentro dos quilombos e nas escolas que recebem alunos quilombolas. A valorização da cultura e da identidade quilombolas é o foco da Educação Escolar Quilombola. Sua efetivação deve promover as dimensões cultural, histórica, social, política e econômica, os modos de vida, valores, formas de fazer, criar, viver e conviver e os saberes dessas comunidades (Gomes, 2003).

Em particular, de acordo com o artigo 1º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (Brasil, 2012), essa deve fundamentar, informar e alimentar: a) a memória coletiva; b) as línguas remanescentes; c) os marcos civilizatórios; d) as práticas culturais; e) as tecnologias e formas de produção do trabalho; f) os acervos e repertórios orais; g) os festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país; h) a territorialidade. Os artigos 7º e 35º afirmam que a Educação Escolar Quilombola promove o “reconhecimento da história e da cultura afro-brasileira como elementos estruturantes do processo civilizatório nacional, considerando as mudanças, as recriações e as ressignificações históricas e socioculturais que estruturam as concepções de vida dos afro-brasileiros na diáspora africana” (Brasil, 2012).

A Educação Escolar Quilombola surgiu das lutas dos movimentos negros e da necessidade de tornar os processos de ensino-aprendizagem mais plurais, interculturais e abertos às diferenças. Mais especificamente, emergiu da compreensão da importância de reconhecer e superar as marcas racistas e coloniais que atravessam as perspectivas epistêmicas e as práticas educativas (Walsh, 2013; Lander, 2000), assim como de reconhecer a herança contracolonial que se expressa em múltiplas formas de resistência: nos modos de vida, nos símbolos e nos saberes dos povos afrodescendentes (Santos, 2015).

Uma das principais vias para garantir a efetivação da Educação Escolar Quilombola é a promoção de uma formação inicial e continuada de professores/as coerente com seus princípios, em diálogo com as comunidades e com o movimento quilombola. Essa questão, além de despertar a atenção dos/as pesquisadores/as, preocupa os próprios sujeitos envolvidos (Pinto; Pena, 2023), que se sentem responsáveis pela implementação da Educação Escolar Quilombola e que são, de fato, interessados em co-construir uma educação

enraizada nas identidades, nas territorialidades, nas ancestralidades e nas cosmovisões quilombolas (Benedicto, 2022).

Este artigo surge de uma Pesquisa-Ação Participativa em andamento, iniciada em agosto de 2024 e com duração total de dois anos. A pesquisa objetiva fortalecer a formação de professores na perspectiva da Educação Escolar Quilombola, por meio da colaboração entre universidade, movimentos sociais e comunidades quilombolas e adota uma estrutura metodológica complexa, que será apresentada na próxima seção. Em particular, o artigo foca os resultados parciais da análise da literatura científica, no que diz respeito às criticidades e às potencialidades que caracterizam a promoção da formação de professores na ótica da Educação Escolar Quilombola.

## 2 METODOLOGIA

A Pesquisa-Ação Participativa intitulada “Fortalecendo a Formação de Professores na perspectiva da Educação Escolar Quilombola: uma Pesquisa-Ação Participativa entre universidade, comunidades e movimento quilombola” está sendo conduzida pelo grupo de pesquisa Hodós – Educação crítica, processos político-pedagógicos e metodologias transformadoras, vinculado ao Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará (ICED/UFPa) e inscrito no diretório do CNPq. As autoras do artigo são envolvidas na pesquisa enquanto coordenadora e orientanda de iniciação científica.

É importante frisar que existem diferentes modelos de Pesquisa-Ação, mas todos são atravessados pela preocupação fundamental de promover transformações efetivas na realidade estudada, gerando novas experiências e visões, para além de conhecimento científico (Schensul; Schensul, 1992). No âmbito específico da educação, esta abordagem parte do pressuposto epistemológico de que o saber da educação é um saber de práxis, que encontra seu sentido ao fornecer indicações para orientar a prática formativa (Mortari, 2003). Em particular, a Pesquisa-Ação Participativa, elaborada no contexto latino-americano pelo sociólogo Orlando Fals-Borda, visa reconhecer os sujeitos da pesquisa como interlocutores/as relevantes, cujos pontos de vista, necessidades e desejos contribuem para moldar o percurso de investigação. Dessa forma, a pesquisa pode ser mobilizadora de processos de empoderamento, organização e compromisso (Fals-Borda, 2009).

Coerentemente com essa perspectiva, a pesquisa que originou este artigo problematiza as assimetrias de poder que caracterizam a relação entre pesquisadoras/es e sujeitos da pesquisa (Freire, 2003), assumindo como inspiração teórico-político-metodológica principal a Educação Popular, o Pensamento Negro e o Giro Decolonial Latino-Americano. A busca pela

dialogicidade se deu primeiramente por meio da escolha de técnicas de coleta de dados que reconhecessem e potencializassem a construção colaborativa do conhecimento (Lassiter, 2005).

Em particular, a pesquisa adotou os seguintes instrumentos:

- As entrevistas com lideranças de movimentos engajados na construção da Educação Escolar Quilombola, especificadamente: a Malungu – Coordenação das associações de comunidades remanescentes de quilombos do Pará, a Associação de Discentes Quilombolas (ADQ) da UFPA e o Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará (CEDENPA). Tratou-se de entrevistas semiestruturadas, cujo roteiro previu a exploração de temas relativos à organização de pertencimento e seu papel na promoção da Educação Escolar Quilombola; à importância da formação inicial e continuada dos/as professores/as para a efetivação da Educação Escolar Quilombola; aos obstáculos, às oportunidades e às parcerias na implementação da Educação Escolar Quilombola em nível estadual e nacional; à relação com a universidade. De fevereiro a dezembro de 2025, foram realizadas quatro entrevistas, com uma duração de cerca de duas horas cada uma, nas sedes dessas organizações. As entrevistas permitiram valorizar os pontos de vista subjetivos sobre o tema tratado, evidenciando o entrelaçamento de transformações pessoais e coletivas (Zamboni, 1996), bem como reconhecendo o caráter situado e parcial da elaboração do conhecimento científico como pressuposto ético e político fundamental (Haraway, 1988).
- As rodas de conversa nas comunidades quilombolas de Abacatal, localizada no município de Ananindeua/Pará, e Moju Miri, Santa Ana do Baixo Jambuaçu e Ribeira de Jambuaçu, localizadas no município de Moju/Pará. As quatro rodas de conversa foram realizadas de fevereiro a agosto de 2025, tiveram uma duração variável entre uma hora e meia e três horas e vinte, envolveram professores/as atuantes, em formação ou aposentados/as, mas também estudantes e moradores/as das comunidades visitadas e das comunidades vizinhas. As rodas também foram semiestruturadas. Seu roteiro incluiu perguntas sobre a educação ofertada em escolas quilombolas e escolas que atendem estudantes quilombolas; experiências de implementação da Educação Escolar Quilombola; os obstáculos na sua efetivação; as necessidades e os desejos relativos à formação inicial e continuada dos professores; a relação com a universidade; as propostas para o fortalecimento da formação inicial e continuada dos professores na perspectiva da Educação Escolar Quilombola. As rodas de conversa integraram as narrações individuais, estimulando, por meio da discussão, a emergência tanto de pontos de vista partilhados como

de divergências sobre os temas centrais da pesquisa, contribuindo assim para a consolidação de um conhecimento coletivo. Permitiram levantar dados profundos e relevantes, sendo coerentes com a própria organização comunitária dos contextos estudados (Muraca, 2015). As gravações das rodas de conversa e das entrevistas foram transcritas integralmente e analisadas com base em categorias significativas.

- A convivência e a reflexão participativas nas organizações e comunidades quilombolas pesquisadas. Vale lembrar que a noção de “observação participante”, fundadora da etnografia contemporânea, foi criticada por muitos/as autores/as, tanto porque é marcada por uma perspectiva científica que aspira a uma impossível objetividade, quanto porque expressa um oxímoro moralmente suspeito, o qual requer, ao mesmo tempo, o envolvimento e um frio distanciamento (Tedlock, 1991). Pelo contrário, em comunidades historicamente marginalizadas:

Compreender e dialogar exige mais do que uma visita; significa uma vivência próxima, afetiva e comprometida. Muitos aspectos das relações sociais nessas comunidades, suas histórias, desafios e saberes só são percebidos desta forma [...]. Conviver é mais do que visitar e, não sendo algo que possa ser delegado, requer um envolvimento pessoal de observação, questionamento e diálogo. Somente olho no olho com o outro e, com ele convivendo, é que se pode detectar e compreender posições políticas e informações que nos são fornecidas sobre dada realidade (Oliveira, 2009, pp. 314-315).

Nesse sentido, as categorias de “convivência” e “participação” reflexivas manifestam melhor o simultâneo compromisso de experiência e pensamento, enfatizando a co-implicação e a colaboração nos processos de produção de conhecimento (Muraca, 2015). Elas são coerentes também com a própria composição da equipe da pesquisa, formada, em sua maioria, por jovens das comunidades envolvidas, que retornam a elas como co-pesquisadoras – uma posição limiar, atravessada por emoções e posicionamentos complexos, como revela o depoimento a seguir:

A experiência na comunidade foi profundamente transformadora. Como pesquisadora quilombola e filha de Moju Miri, senti a força dessa luta em minha trajetória. Desde minha saída para Belém, em 2009, para buscar melhores oportunidades de estudo, até minha aprovação no curso de Pedagogia em 2022, minha jornada sempre esteve marcada pelo compromisso com a educação quilombola. Participar deste projeto é uma forma de devolver à minha comunidade o conhecimento adquirido e fortalecer a luta por uma educação de qualidade (Rosilene Cardoso e Cardoso, diário de campo do dia 8 de fevereiro de 2022).

A retomada crítica da experiência viabilizada pela convivência e a participação foi realizada através da escrita do diário de campo, um instrumento essencial que, redigido individualmente, foi colocado à disposição de toda a equipe de pesquisa. Além disso, as reuniões de orientação científica favoreceram a problematização dos processos e dos resultados das atividades realizadas.

- Todo o percurso da Pesquisa-Ação Participativa foi acompanhado também pela análise da literatura científica, da legislação e da documentação gerada sobre e pelas organizações e as comunidades encontradas relativamente ao tema considerado. Em particular, a pesquisa bibliográfica no Google Scholar foi baseada na combinação das palavras-chave “Educação Escolar Quilombola” e “formação de professores” e permitiu levantar dezessete textos, publicados entre 2016 e 2025. Quatro deles foram excluídos porque focados em contextos geográficos muito específicos, longe da realidade estudada. Os outros foram fichados e analisados. Vale esclarecer que a pesquisa bibliográfica não teve um cunho sistemático, mas exploratório, tendo em vista a caracterização da importância da formação docente para a Educação Escolar Quilombola. Especificamente, o presente artigo toma em consideração as produções que contribuem para identificar os desafios mais relevantes na interface entre formação docente e implementação da Educação Escolar Quilombola.

É possível compreender, portanto, que a pesquisa objetivou criar ocasiões de encontro e discussão coletiva que envolvessem de modo participativo discentes e professores/as da universidade, militantes de movimentos sociais, moradores/as das comunidades quilombolas e os/as próprios/as profissionais da educação que atuam em escolas quilombolas ou em escolas que atendem alunos/as quilombolas. Assim, tentou mobilizar uma reflexão crítica sobre os currículos e as práticas pedagógicas, com o propósito não somente de questionar o padrão eurocêntrico discriminatório ainda dominante, mas também de formular propostas alternativas que incidam na oferta da formação inicial e continuada de professores/as.

É importante destacar também que, como desdobramento da pesquisa, foi elaborado um projeto de extensão, com vista à elaboração colaborativa de ações formativas e materiais didáticos entre universidade, movimentos e comunidades quilombolas. O projeto coloca no centro a categoria da “devolução”, compreendida como compromisso ético-político imprescindível e chave de um percurso transformativo. A devolução se efetiva em um conjunto de práticas, que devem ser negociadas com os/as interlocutores/as da pesquisa e visam a produção de conhecimentos e ações relevantes para eles/elas (Muraca, 2015).

### **3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Esta seção discute as criticidades e as potencialidades do processo de afirmação de uma formação de professores coerente com os princípios e os objetivos que orientam a Educação Escolar Quilombola, tendo como base a análise da literatura existente sobre o tema. A Educação

Escolar Quilombola, enquanto modalidade educacional diferenciada, apresenta diversos desafios para o campo da formação docente, sendo que essa, por si só, já constitui um tema bastante complexo. No entender de Charlot (2005), de fato, formar professores/as não é fácil, não porque não sabemos formar, “mas porque não sabemos o que é exatamente o professor, ou o que é exatamente o ofício do professor. Formar o professor sem termos uma definição precisa de seu trabalho é muito difícil” (Charlot, 2005, p. 89).

No contexto da Educação Escolar Quilombola, a questão da formação dos/as professores/as torna-se ainda mais articulada, pois implica problematizar e superar o racismo estrutural que caracteriza a sociedade e suas instituições, refletindo-se em conteúdos e práticas educacionais. De acordo com Iris Verena Oliveira, autora do artigo intitulado “Educação Escolar Quilombola: relatos de experiência docente” e publicado no número 9 de 2020 da revista ODEERE (Órgão de Educação e Relações Étnicas), isso requer, concretamente, a construção de novos paradigmas epistêmicos, referências teóricas e abordagens operativas que valorizem trajetórias e lutas quilombolas. Somente assim será possível uma educação emancipadora, capaz de transformar realidades e combater desigualdades estruturais (Oliveira, 2020).

A própria escassez de produções científicas especificamente dedicadas ao tema da formação de professores na perspectiva da Educação Escolar Quilombola revela os obstáculos à sua implementação. O exame da literatura, de fato, mostra que na maior parte dos casos a formação docente não representa o tema principal, mas apenas um dos assuntos abordados. Isso acontece, embora – conforme argumenta o artigo “Educação Escolar Quilombola e Formação Docente”, publicado no número 2 de 2016 da revista da REAMEC (Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática) – seja unânime o reconhecimento de que:

Um dos grandes desafios que se coloca ao Estado brasileiro (município, estado e união) e à sociedade no que refere à materialidade da educação escolar quilombola enquanto uma política pública de preservação de patrimônio nacional, diz respeito à formação docente inicial e continuada, haja vista que se trata de uma modalidade cuja efetivação requer organização escolar, curricular e atuação docente, compatíveis às suas finalidades. [... De fato, somente uma formação específica pode garantir que] os profissionais da educação possam compreender as bases legais, os fundamentos epistemológicos, bem como, adquirir conhecimentos mínimos necessários à atuação na Educação básica, em consonância aos objetivos e princípios da modalidade Educação Escolar Quilombola (Costa, 2016, p. 25).

A literatura científica sinaliza a carência da formação inicial e continuada no que diz respeito à Educação Escolar Quilombola. No trabalho intitulado “A presença da Educação Escolar Quilombola no currículo de formação de professores”, apresentado em 2020 no III Congresso Internacional e V Nacional Africanidades e Brasilidades em Educação, por exemplo,

Andréia Regina Silva Cabral Libório, Marina Graziela Feldmann e Maria Aparecida Custódio Marcolino analisam nove cursos de Licenciatura e três cursos de Formação Pedagógica de uma Instituição da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Assim constata-se que, nos seus objetivos e no perfil do egresso, não se faz menção à Educação Escolar Quilombola, bem como a temáticas relacionadas aos povos e comunidades quilombolas, à educação das relações étnico-raciais e aos conteúdos de história e cultura afro-brasileira, africana e dos povos indígenas. A única exceção é um curso de formação pedagógica para graduandos, que utiliza a palavra “quilombola” no perfil do egresso. Além disso “quando há alguma referência à diversidade ou aspectos socioculturais, os remetem de forma superficial sem aprofundamento” (Libório, Feldmann e Marcolino, 2021).

A literatura aponta que grande parte dos/as docentes que atuam nas escolas quilombolas não teve, em sua formação inicial, disciplinas específicas sobre a história, cultura e direitos dos povos quilombolas. De forma mais detalhada, Candida Soares da Costa, Maria Helena Tavares Dias e Zizele Ferreira dos Santos, no artigo intitulado “Educação Escolar Quilombola: Experiência sobre Formação de Professores em Mato Grosso (Brasil)”, publicado no número 8 de 2016 da Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), salientam que os currículos negligenciam questões como: relações raciais, gênero, gerações, meio ambiente, povos e territórios tradicionais, não possibilitando a reconfiguração de imaginários, particularmente no que se refere a identidades e diferenças, assim como aos processos de composição e recomposição de memórias de diferentes povos e segmentos sociais (Costa; Dias; Santos, 2016). Tudo isso impacta diretamente nas características do ensino proporcionado pelos/as professores/as e na sua capacidade de mediação pedagógica em relação às necessidades dos/as estudantes quilombolas.

Mas o que é a Educação Escolar Quilombola? E como deve ser a formação de professores para garantir a sua implementação? Um dos pontos de partida da nossa pesquisa foi justamente a dificuldade de oferecer respostas claras e unívocas a essas perguntas por parte dos sujeitos diretamente envolvidos. Essa dificuldade, que pode ser considerada uma criticidade, esconde, contudo, também potencialidades, na medida em que coloca em xeque uma visão estática e essencialista da cultura, que se desdobra na compreensão do currículo diferenciado como listagem de conteúdos. De fato, no artigo já mencionado, Iris Verena Oliveira (2020) argumenta que a insistência sobre a falta de formação docente, por vezes, está relacionada à compreensão da formação em uma perspectiva pragmática. Essa prevê que os professores acessem e incorporem no currículo escolar informações pré-determinadas, que veiculam uma

visão fixa da identidade quilombola, sem questionar sua efetiva relevância e correspondência com a realidade da comunidade. Essa compreensão impede de problematizar as representações e as autorrepresentações sobre o que é ser quilombola (Oliveira, 2020). Em termos mais amplos, impede de observar que todo processo de transmissão cultural é também um processo de reinvenção, ocultando o papel das pessoas e dos grupos humanos como co-criadores culturais (Hannerz, 2001).

De forma semelhante, outra criticidade apontada pela literatura é a falta de materiais didáticos específicos que atendam às particularidades das comunidades quilombolas (Costa, 2016). Muitas vezes, de fato, os auxílios disponíveis para a prática docente estão completamente alheios e dissociados da realidade dos/as alunos/as (Peixoto; Kantner, 2024). Trata-se de uma problemática que envolve de forma geral as políticas curriculares hegemônicas no Brasil, que, de acordo com os críticos, promovem o enxugamento e a padronização dos conteúdos; a tecnização do conhecimento em detrimento de sua dimensão crítica e humanizadora; e a visão do professor como mero executor de pacotes elaborados por outros e em outros espaços, de cima para baixo (Freitas, 2018; Felipe, 2020). Nesse sentido, uma formação dos professores crítica e coerente com a perspectiva da Educação Escolar Quilombola deve promover uma reformulação radical da concepção do trabalho e da própria figura docente. De acordo com Costa (2016), tal formação deve promover uma concepção dos/as professores/as como sujeitos ativos, que refletem sobre sua própria prática, e não como obedientes repassadores/as de conteúdos supostos certos e imutáveis, trazidos por livros didáticos ou quaisquer outros materiais, que separam conhecimento e vivência. Além disso, para Oliveira (2020), é preciso reconhecer e fortalecer as invenções curriculares cotidianas, que já ocorrem de forma espontânea nas escolas e nas comunidades quilombolas, que envolvem temas importantes como a valorização dos saberes locais, o reconhecimento das trajetórias de resistência quilombola e combate ao racismo, mas que muitas vezes são encaradas como atividades corriqueiras, sem grande destaque.

A literatura científica identifica também algumas criticidades específicas relativas a determinados campos do conhecimento. No artigo intitulado “Contribuições da etnobiologia para formação continuada de professores de ciências da educação escolar quilombola”, publicado no número 1 de 2019 da Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias, Joaklebio Alves da Silva e Marcelo Alves Ramos observam que, embora haja uma crescente valorização de saberes locais, ancestrais e situados, muitos/as professores/as enfrentam dificuldades em integrar esses conhecimentos ao currículo formal de ciências (Silva; Ramos, 2019). A interrelação entre conhecimentos oriundos de bases distintas, contudo, é uma premissa

fundamental para promover uma educação sensível, crítica e transformadora, que valorize as particularidades dos/as estudantes e fortaleça o vínculo com seus territórios. Nesse sentido, a etnobiologia pode constituir uma perspectiva formativa importante para orientar os/as professores/as de ciências a reconhecer as dinâmicas sociais, culturais e ambientais das comunidades onde atuam e torná-las recursos educativos em sala de aula (Silva; Ramos, 2019).

Finalmente, as fontes bibliográficas estudadas evidenciam a falta de apoio, tanto por parte da gestão escolar, quanto em relação aos diferentes níveis de governo (Costa, 2016). Isso impacta diretamente nas condições infraestruturais, caracterizadas por transporte, Internet e equipamentos tecnológicos ausentes ou precários, que comprometem tanto o processo de ensino-aprendizagem quanto a permanência dos/as docentes nas instituições. Nesse sentido, é fundamental o papel desenvolvido pelos movimentos negro e quilombola para exigir do Estado, nas esferas municipal, estadual e federal, investimentos e intervenções legislativas, sem os quais seus princípios e finalidades dificilmente serão alcançados (Costa, 2016). Além disso, é fundamental promover nos/nas docentes a compreensão de si mesmos/as como sujeitos políticos e agentes de transformação, superando a subjeção e o isolamento ligados às condições sociais e econômicas de seu trabalho, por meio da identificação, construção e potencialização de alianças.

#### **4 CONCLUSÕES**

Este artigo surge de uma Pesquisa-Ação Participativa em andamento, orientada a fortalecer a formação inicial e continuada dos/as professores/as na perspectiva da Educação Escolar Quilombola, por meio da colaboração entre universidade, movimentos e comunidades quilombolas. A pesquisa adota como referências teórico-metodológicas fundamentais a Educação Popular, o Pensamento Negro e o Giro Decolonial Latino-Americano, colocando a dialogicidade no centro do processo de construção do conhecimento. Em particular, utiliza como instrumentos de coleta de dados as entrevistas narrativas, as rodas de conversa, a participação reflexiva, o diário de campo e a pesquisa de fontes bibliográficas, legislativas e documentais. O artigo apresenta os resultados oriundos da análise da literatura científica no que diz respeito às criticidades e às potencialidades da formação de professores para a implementação da Educação Escolar Quilombola. Os textos examinados confirmam a centralidade da formação docente para a promoção da Educação Escolar Quilombola e, de forma mais geral, para a efetivação de uma educação inclusiva, crítica e transformadora, enraizada no contexto sociocultural e sensível às diferenças dos/as alunos/as. Nesta seção

conclusiva, destacamos as propostas que emergem dessa primeira parte da pesquisa sobre as características que uma formação assim concebida deve assumir.

Primeiramente, seu ponto de partida deve consistir na identificação e na potencialização de práticas educativas e invenções curriculares, baseadas na valorização dos saberes locais, no reconhecimento das trajetórias de resistência quilombola e no combate ao racismo, desenvolvidas de forma espontânea pelos/as professores/as nas escolas e nas comunidades quilombolas, mas que muitas vezes permanecem invisíveis. Em segundo lugar, a formação deve promover a capacidade de reconhecer, problematizar e reformular as representações e as autorrepresentações sobre o que é ser quilombola, a partir de uma compreensão processual da identidade e da cultura, não como conjunto de traços fixos, mas como entrelaçamento de pertencimentos complexos, constantemente selecionados, reinventados e transformados por pessoas e grupos. A formação deve também suscitar uma visão do currículo como um campo conflitual, fruto das escolhas políticas e culturais da sociedade, que, quando deixa de considerar experiências, trajetórias e práticas quilombolas, está perpetuando exclusões, injustiças e desigualdades históricas.

Assim, uma formação de professores coerente com a Educação Escolar Quilombola deve impulsionar uma concepção elevada dos/as docentes como sujeitos políticos e agentes de mudança, e não meros/as executores/as de pacotes curriculares pré-determinados, capazes de refletir criticamente sobre sua prática, de se posicionar e de construir alianças transformadoras. Nesse sentido, um outro aspecto essencial, inclusive para superar as precariedades das condições infraestruturais e a falta de apoio, é a articulação entre universidade, movimentos sociais, comunidades quilombolas e diferentes níveis de governo, por exemplo, por meio da ativação de licenciaturas interculturais ou outras propostas formativas, que preparem os/as docentes a atuar com competência e sensibilidade em contextos caracterizados pela complexidade sociocultural.

## REFERÊNCIAS

BENEDICTO, Ricardo Matheus. **Desafios para uma educação quilombista no Brasil**. Curitiba: Appris, 2022.

BRASIL. **Resolução nº 9.394 de 20 de novembro de 2012**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Brasília, 2012.

CHARLOT, Bernard. Formação de professores: a pesquisa e a política educacional. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2005.

COSTA, Candida Soares da. Educação Escolar Quilombola e Formação Docente. **REAMEC – Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática**, n. 2, p. 23-32, 2016. <<https://doi.org/10.26571/2318-6674.a2016.v4.n2.p23-32.i5324>>.

COSTA, Candida Soares da; DIAS, Maria Helena Tavares; SANTOS, Zizele Ferreira dos. Educação Escolar Quilombola: Experiência sobre Formação de Professores em Mato Grosso (Brasil). **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 8, n. 18, p. 90-106, 2016. ISSN: 2177-2770.

FALS-BORDA, Orlando. Cómo investigar la realidad para transformarla (1979). In: FALS-BORDA, Orlando. **Una sociología sentipensante para América Latina**. Buenos Aires-Bogotá: CLACSO-Siglo del Hombre, 2009, p. 253-302.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 10<sup>a</sup> ed. 2003.

FELIPE, Eliana da Silva. Do SAEB à BNCC. Padronizar para avaliar. In: UCHOA, Antonio Marcos da Conceição; LIMA, Átila de Menezes; SENA, Ivânia Paula Freitas de Sousa (Orgs.). **Dialógos críticos, vol 2**: reformas educacionais: avanços ou precarização da educação pública?. Porto Alegre: Editora Fi, 2020, p. 80-101.

FREITAS, Luis Carlos de. **A Reforma Empresarial da educação**. Nova direita, velhas ideias. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e identidade negra**: construindo caminhos para uma pedagogia da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

HANNERZ, Ulf. **La diversità culturale**. Bologna: Il Mulino, 2001.

HARAWAY, Donna. Situated Knowledges: the Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. **Feminist Studies**, n. 3, p. 575-599, 1988. <<https://doi.org/10.2307/3178066>>.

LANDER, Edgardo (Org.). **La colonialidad del saber**: eurocentrismo y ciencias sociales perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

LASSITER, Luke. **The Chicago Guide to Collaborative Ethnography**. Chicago: University of Chicago Press, 2005.

LIBÓRIO, Andréia Regina Silva Cabral; FELDMANN, Marina Graziela; MARCOLINO, Maria Aparecida Custódio. A presença da educação escolar quilombola no currículo de formação de professores. In: III Congresso Internacional e V Nacional Africanidades e Brasilidades em Educação, 2021. **Anais**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2021. p. 1-12. Disponível em <https://periodicos.ufes.br/cnafricab/article/view/34090>. Acesso em: 17 jan 2025.

MORTARI, Luigina. **Apprendere dall'esperienza**. Il pensare riflessivo nella formazione. Roma: Carocci, 2003.

MURACA, Mariateresa. **Práticas pedagógicas populares, feministas e decoloniais do Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina**: uma etnografia colaborativa. 2015. Tese (doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, 2015.

OLIVEIRA, Iris Verena. Educação Escolar Quilombola: relatos de experiência docente. **Órgão de Educação e Relações Étnicas (ODEERE)**, n. 9, 2020, p. 109-131. <<https://doi.org/10.22481/odeere.v5i9.6662>>.

OLIVEIRA, Maria W. de. Pesquisa e trabalho profissional como espaços e processos de humanização e de comunhão criadora. **Cadernos Cedex**, v. 29, n. 79, p. 309-32, set/dez. 2009. ISSN: 1678-7110.

PEIXOTO, Rodrigo C.D.; KANTNER, Benjamin. Caderno cartográfico quilombola: valores para uma educação escolar afro-amazônica. **Educazione Aperta. Rivista di pedagogia critica**, n. 16, p. 88-110, 2024. <<https://doi.org/10.5281/zenodo.12785383>>.

PINTO, Michele Morais; PENA, Grazielle Borges de Oliveira. Educação Escolar Quilombola e a formação docente no período de 2011 a 2023 no Brasil: uma revisão. In: PESSINI, Magali Inês (Org.). **Educação: práticas sociais e processos educativos 3**. Ponta Grossa: Atena, 2023, p. 114-126.

SANTOS, Antonio Bispo dos. **Colonização, quilombos modos e significados**. Brasília: INCTI-UnB-INCT-CNPq-MCTI, 2015.

SCHENSUL, Jean; SCHENSUL, Stephen. Collaborative research: methods of inquiry for social change. In: LECOMPTE, Margaret; MILLROY, Wendy; PREISSLE, Judith (Orgs.). **Handbook of qualitative research in education**. San Diego: Accademic press, 1992, p. 161-200.

SILVA, Joaklebio Alves da; RAMOS, Marcelo Alves. Contribuições da etnobiologia para formação continuada de professores de ciências da educação escolar quilombola. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 19, n. 1, p. 132-158, 2019. ISSN: 1579-1513.

TEDLOCK, Barbara. From participant observation to the observation of participation. **Journal of Anthropological Research**, v. 7, n. 1, p. 69-94, primavera 1991. ISSN: 0091-7710.

WALSH, Catherine (Org.). **Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I, Quito: Abya Yala, 2013.

ZAMBONI, Chiara. Il materialismo dell'anima. In: DIOTIMA. **La sapienza di partire da sé**. Napoli: Liguori, 1996, p. 155-170.

Submissão em: 30/03/2025

Aprovação em: 25/01/2026